

A antropologia do Papa Francisco à luz do problema educativo

Pe. Antonio Spadaro, sj

Creio que é difícil falar de uma verdadeira "antropologia do Papa Francisco". A sua visão do homem é sempre concreta e nasce da experiência. É certo que podemos refletir sobre o seu pensamento e a sua ação e daí tirar consequências. Mas a maneira que pessoalmente considero mais interessante e eficaz é escolher um ponto de vista concreto e raciocinar a partir dele. Propus-me, portanto, fazer uma intervenção sobre a antropologia do Papa Francisco à luz da problemática educativa.

Sabemos bem que a relação entre antropologia e educação é profunda e influente, uma vez que a antropologia fornece uma série de perspectivas e ferramentas que podem ser aplicadas em vários contextos educacionais. Aqui, no entanto, gostaria de inverter a perspectiva: partirei das questões educativas para revelar a visão antropológica que lhes está subjacente.

E gostaria de tocar nas raízes, considerando, sobretudo, o pensamento de Bergoglio como arcebispo, ou seja, o tempo em que se formou o pensamento do Pontífice como pastor.

1. A mudança antropológica

Um grande cenário sobre o qual se projeta a tarefa educativa é a mudança antropológica.

Bergoglio sempre teve consciência de que o homem e a mulher de hoje se interpretam de modo diferente do passado, com categorias diferentes, mesmo daquelas que lhe são familiares. A antropologia a que a Igreja tradicionalmente se referiu e a linguagem com que a exprimiu são uma referência sólida, fruto também da sabedoria e experiência seculares. No entanto, parece que o homem a quem a Igreja se dirige já não é capaz de as compreender como outrora.

A Igreja é, portanto, chamada a enfrentar o enorme desafio antropológico. Para ser sal e luz, com toda a riqueza da sua tradição e da sua doutrina, a Igreja deve ser, ao mesmo tempo, um "farol" que ilumina a partir de uma posição elevada e estável, mas também uma "tocha" que sabe mover-se no meio dos homens, acompanhando-os no seu caminho insidioso. Em suma: o desafio educativo cristão é evitar que a luz de Cristo permaneça para muitos apenas uma recordação longínqua ou, pior ainda, que fique nas mãos de um pequeno e seleto grupo de pessoas "puras": isto transformaria a Igreja numa seita.

Paulo VI, tão caro a Francisco, tinha escrito que evangelizar significa "levar a boa nova a todas as camadas da humanidade que estão a ser transformadas", caso contrário, continuava ele, a evangelização corre o risco de se tornar uma decoração, uma pintura superficial (Evangelii Nuntiandi, n. 18-20).

Mais recentemente, em 2009, Bento XVI, ao viajar para a República Checa, tinha dito que a Igreja "tem uma herança de valores que não são coisas do passado, mas constituem uma realidade muito viva e atual, capaz de oferecer uma orientação criativa para o futuro". É precisamente esta "orientação criativa" que é necessária para que o homem seja ajudado a viver de acordo com o Evangelho hoje. E a orientação criativa exige o esforço de compreender e acolher os desafios que o Papa Francisco está a viver dia após dia no seu ministério petrino.

Francisco reiterou-o recentemente no seu colóquio com os Superiores Gerais, posteriormente publicado em *La Civiltà Cattolica* e agora reunido num volume (*Adesso fate le vostre domande*, Milano, Rizzoli, 2017). O Papa, nessa sessão de perguntas e respostas, afirmou que o educador "deve perguntar-se como anunciar Jesus Cristo a uma geração em mudança".

Este é o ponto: "a tarefa educativa hoje é uma missão chave, chave, chave! O Papa tem sempre os olhos bem abertos para a realidade e sabe perfeitamente que os desafios educativos de hoje já não são os de outrora. Ele sabe que - nas suas palavras - "as situações que vivemos atualmente colocam novos desafios que, por

vezes, são até difíceis de compreender. Não se pode fechar os olhos. Por quê? Por uma razão clara e precisa: porque o Evangelho deve ser anunciado a uma geração sujeita a rápidas mudanças. O Papa abriu hoje um debate sobre a educação religiosa. Eis, de fato, as suas perguntas: "Como anunciar Cristo a estes rapazes e moças? Como anunciamos Cristo a uma geração em mudança?". E, finalmente, o seu apelo: "Temos de ter cuidado para não lhes dar uma vacina contra a fé".

Bergoglio supera qualquer rigidez e afirma algo fundamental: o desafio educativo está ligado ao desafio antropológico. Não se pode adotar a atitude da avestruz (cf. Mensagem às comunidades educativas, Buenos Aires, 29 de março de 2000) e fazer "como se" o mundo fosse diferente. Eis um ponto muito candente que o Papa expôs com a sua habitual simplicidade, admoestando assim o educador cristão: há situações que até temos dificuldade em compreender, mas que somos chamados a enfrentar se quisermos que o Evangelho continue a ser anunciado a toda a criatura. Mas esta abordagem realista caracteriza toda a reflexão pedagógica de Bergoglio.

2. A inquietação como figura antropológica

Um terceiro aspecto central no poliedro educativo de Bergoglio é certamente a inquietação entendida como motor da educação. O homem é radicalmente marcado pela sua inquietação. Em uma homilia, Bergoglio interroga seus interlocutores, que são educadores, com uma enxurrada de perguntas incisivas:

"Este é o desafio que colocamos hoje na missa pela educação: a criança sabe como reconhecer a herança que recebeu? Ela sabe que há duzentos anos existem homens e mulheres que, bem ou mal, construíram o país e nos deram algo? Ou será que o menino foi "domesticado" por situações contingentes e não sabe reconhecer dentro desse horizonte o que recebeu e vive como se não tivesse nada? Por outro lado, o que ele recebeu não deve ser guardado em uma caixa, preservado, mas deve ser vivido e transformado hoje! Será que essas crianças, esses jovens, sabem como

transformar hoje o que receberam? Eles sabem como abraçar essa herança? Eles amam sua terra natal? Nós os ensinamos a abraçar essa herança? Para projetá-lo adiante? Esses jovens desenvolvem projetos? Eles têm sonhos?" (Homilia da Missa pela Educação, 14 de abril de 2010).

Aqui há uma clara rejeição da educação entendida como "domesticação". Isso é muito claro. Assim como também está claro que a herança que passa dentro da educação não é um tesouro em uma caixa. Não se trata de uma passagem de caixas. Longe disso. Bergoglio afirma que a única maneira de recuperar a herança dos pais é por meio da liberdade: nada é dado como certo! **Em resumo: o que eu recebo só é meu se passar por minha liberdade.**

E não há liberdade se não houver inquietação. Nada é meu a menos que passe por minha inquietação e toque meu coração.

Até mesmo Cristo, afinal de contas, não é interessante se não passar por minha inquietação e tocar meu coração.

Para Bergoglio, maturidade não coincide com adaptação. "O próprio Jesus", provocativamente, argumenta Bergoglio, "para muitas pessoas de seu tempo, poderia ter se encaixado no paradigma dos desajustados e, portanto, imaturos" (Mensagem às comunidades educacionais por ocasião da Missa pela Educação, Buenos Aires, 6 de abril de 2005).

Bergoglio argumenta na mesma mensagem: "Se a maturidade fosse uma adaptação pura e simples, o objetivo de nossa tarefa educacional consistiria em "adaptar" as crianças, essas "criaturas anárquicas", às boas normas da sociedade, sejam elas quais forem. A que custo? Ao custo da censura e da subjugação da subjetividade ou, pior ainda, ao custo de privá-las do que é mais próprio e sagrado para a pessoa: sua liberdade".

O que herdei me pertence porque se aproximou de minha inquietação e passou por ela, misturando-se comigo e me lançando em direção a um futuro a ser

construído. Se a herança não passar pela inquietação, ela se petrifica, torna-se um museu de memórias.

Mahler disse que a fidelidade ao que nos foi transmitido significa manter o fogo vivo e não adorar as cinzas... E manter o fogo vivo significa alimentá-lo, repensar e extrair a força vital. Caso contrário, caímos no moralismo, no formalismo e, portanto, no tédio.

Bergoglio ama a postura existencial de Agostinho. Na missa de início do Capítulo Geral da Ordem de Santo Agostinho, em 28 de agosto de 2013, ele falou da "paz da inquietude".

Eis, então: o que herdamos de nossos pais é, antes de tudo, isto: a sabedoria de uma inquietação que nos leva a buscar, a sair de nós mesmos, a viver uma transcendência... Francisco reiterou isso recentemente ao falar à Diocese de Roma: "Onde há vida há movimento, onde há movimento há mudanças, pesquisas, incertezas, há esperança, alegria e também angústia e desolação" (Papa Francisco, Conferência da Diocese de Roma 2017).

Inquietação, então, é a palavra-chave. Bergoglio escreve novamente em uma mensagem aos educadores em 23 de abril de 2008: "Um jovem 'inquieto' [...] é um jovem sensível aos estímulos do mundo e da sociedade, aberto às crises a que a vida o submete, que se rebela contra os limites, mas, por outro lado, os reivindica e os aceita (não sem dor), se forem justos. Um jovem que não se conforma com os clichês culturais que a sociedade mundana lhe propõe; um menino que quer aprender a discutir...".

Portanto, é necessário "ler" essa inquietação e valorizá-la, porque todos os sistemas que tentam "apaziguar" o homem são perniciosos: eles levam, de uma forma ou de outra, ao "quietismo existencial".

"Peço aos jovens que não aposentem sua existência no quietismo burocrático em que tantas propostas desprovidas de esperança e heroísmo os

confinam", escreveu o Papa em sua carta pelo bicentenário da independência da República Argentina, em 9 de julho de 2016.

3. A pergunta ousada e a verdade

Uma forma específica de anarquismo e inquietação é o que Bergoglio atribui à criança. Mas ela parece educativa para o educador. A vitalidade de uma criança é, em primeiro lugar, um desafio que mede a capacidade das pessoas ao seu redor de romper com padrões rígidos demais.

Esse olhar transmite em um coração jovem ou adolescente "o calor que vem de um coração amadurecido pela memória, pela luta, pelas falhas, pela graça, pelo pecado". Se esse olhar tem força, tem resiliência, então o jovem pode sofrer na vida, sim, mas em tempos de crise ele não enlouquecerá por perder o "norte", a orientação. Esse olhar também é capaz de aprender a **"descobrir", "contemplar" e "intuir" as perguntas dos mais jovens**, que às vezes não conseguem expressar suas necessidades e suas perguntas de forma completa e clara. **Não há necessidade de responder a perguntas que ninguém faz:** esse é um critério fundamental para a educação e o trabalho pastoral. Nesse sentido, a catequese nunca deve correr o risco de se transformar em uma "doutrinação insípida, em uma transmissão frustrante de normas morais".

E isso leva Bergoglio - em uma homilia para a Missa pela Educação em 18 de abril de 2007 - a fazer **perguntas**: "Temos corações suficientemente abertos para nos deixarmos surpreender todos os dias pela criatividade de uma criança, pelas esperanças de uma criança? Será que me deixo surpreender pelos pensamentos de uma criança? Será que me deixo surpreender pela sinceridade de uma criança? Será que também me deixo surpreender pelas travessuras de uma criança, pelos muitos "Pierinos" inelegíveis em nossas salas de aula? Tenho um coração aberto ou o fechei, selado em uma espécie de museu de conhecimentos adquiridos, de métodos estabelecidos em que tudo é perfeito e devo aplicar esses conteúdos, mas não devo

receber nada? Tenho um coração receptivo e humilde para ver o frescor de uma criança? Se eu não tiver, um risco muito sério pode pairar sobre mim: meu coração pode ficar obsoleto. E quando o coração de um pai, de um educador, se torna obsoleto, a criança fica com os cinco pães e dois peixes, sem saber a quem dá-los, suas esperanças permanecem frustradas, sua solidariedade é vã".

Daí o apelo aos educadores para que sejam "ousados e criativos" (Mensagem às comunidades educacionais, Buenos Aires, 29 de março de 2000). Não apenas para resistir diante de uma realidade adversa, portanto, nem muito menos para se tornarem funcionários fundamentalistas presos a um planejamento rígido. O chamado é para "criar", para "assentar os tijolos de um novo edifício em meio à história", para expressar o gênio e a alma. A criatividade, de fato, é a "característica de uma esperança ativa", porque ela se encarrega do que existe, da realidade, e encontra "a maneira de manifestar algo novo a partir daí" (Mensagem às comunidades educacionais, Buenos Aires, 9 de abril de 2003).

Essa abordagem aberta e abrangente corresponde a uma **concepção inclusiva de "verdade"**. Ele afirma em uma passagem verdadeiramente iluminada para os educadores:

"Devemos nos mover em direção a uma ideia de verdade cada vez mais inclusiva e menos restritiva; pelo menos, se estivermos pensando na verdade de Deus e não em alguma verdade humana, por mais sólida que ela possa nos parecer. A verdade de Deus é inesgotável, é um oceano cuja costa mal podemos ver. É algo que estamos começando a descobrir nestes tempos: não nos tornarmos escravos de uma defesa quase paranoica da "nossa verdade" (se eu "a tenho", ele não "a tem"; se ele "pode tê-la", então sou eu que "não a tenho"). **A verdade é um grande presente para nós e, por isso mesmo, ela nos engrandece**, amplia e eleva. E nos torna servos de tal dádiva. E isso não implica relativismo: a verdade, ao contrário, nos obriga a uma jornada contínua de aprofundamento de nossa compreensão dela" (Mensagem às comunidades educacionais, Buenos Aires, 21 de abril de 2004).

4. Viver uma fecundidade geradora

Essa pedagogia viva, que apela para a inquietação e as perguntas, que tem uma concepção inclusiva da verdade e uma abordagem ampla, baseia-se no fato de que a educação **não é uma técnica, mas uma fecundidade generativa**.

Uma visão generativa e paternal inerva desde as raízes sua visão da tarefa educacional, que deve ser forjada a partir de uma perspectiva familiar. Bergoglio fala precisamente de um olhar de pai e mãe, de irmão e irmã.

Fico particularmente impressionado com uma de suas expressões: "Dialogar é ter a capacidade de deixar uma herança" (Relatório da 12ª Jornada de Pastoral Social, Buenos Aires, 19 de setembro de 2009). A herança é algo que passa de mão em mão em uma família.

Bergoglio especifica: "No diálogo, recuperamos a memória de nossos pais, a herança recebida... para fazê-la crescer conosco.... Por meio do diálogo, tomamos coragem... tomamos coragem para lançar essa herança comprometida com o presente em direção às utopias do futuro e para cumprir nosso dever de fazer crescer a herança recebida por meio de compromissos frutíferos com as utopias futuras". Essas são palavras que devem ser cuidadosamente ponderadas. Bergoglio vê um diálogo de experiências e atitudes em relação à vida.

Em seus escritos, também entendemos que ele acredita muito em narrativas, em contar coisas uns aos outros. Somente nas narrativas é possível passar as coisas de uma geração para a outra.

Nesse sentido, um dos temas fundamentais de Bergoglio é o relacionamento familiar entre jovens e idosos, os dois "rejeitados" de nossas sociedades. Os jovens são o futuro, a energia. Os idosos são a sabedoria. O filho se parece com o pai, mas é diferente. Um filho não é um clone.

A educação é um assunto de família que envolve o relacionamento entre gerações e o relato de uma experiência. Há uma ponte que precisa ser estabelecida

entre as gerações. E é essa ponte que é o contexto de uma educação entendida como a transmissão de uma herança viva.

O legado é sempre emocionante porque liga o passado ao futuro. Recentemente, o Papa disse a um grupo de meninos do ensino médio: "Devemos aprender a olhar a vida olhando para os horizontes, sempre mais, sempre adiante" (Discurso aos meninos do grupo "Cavaleiros", Sala Paulo VI, sexta-feira, 2 de junho de 2017). E isso dá uma emoção.

Portanto, aqui está o conselho para os educadores: **"vamos desafiar-los** mais do que eles nos desafiam. Não deixemos que eles recebam a **"vertigem"** de outros, que só colocam suas vidas em risco: vamos dar a eles. Mas a vertigem certa, que satisfaça esse desejo de se mover, de ir adiante".

Entendemos então que a herança, que é passada de pai para filho, é uma herança de inquietação. Eis a questão... Os pais, os anciãos, para Bergoglio, são os que sonham. Isso é incrível. Devo admitir que eu mesmo ainda tenho que entender isso bem....

Francisco meditou longamente sobre Joel 3, que diz: **"Derramarei meu espírito sobre cada homem: seus anciãos terão sonhos, seus jovens terão visões"**.

O Papa disse na abertura da Convenção Eclesial da Diocese de Roma, em 16 de junho de 2016: "nos sonhos de nossos anciãos, muitas vezes, está a possibilidade de que nossos jovens tenham novas visões, tenham novamente um futuro...". E ele repetiu isso na edição de 2017 da mesma conferência. "E eu volto a isso; estou obcecado, talvez, mas...", justificou-se... "Sei que pode parecer repetitivo, mas sinto isso como algo que o Espírito Santo pressiona em meu coração: para que nossos jovens tenham visões, sejam "sonhadores", possam enfrentar os tempos futuros com ousadia e coragem, é necessário que ouçam os sonhos proféticos de seus pais (cf. Gl 3,2)". **"Mesmo passando por cima dos pais, mas pegando as raízes dos avós.** Os avós têm essa qualidade da transmissão da história,

da fé, da pertença" (Basilica de São João de Latrão, segunda-feira, 19 de junho de 2017).

De fato, **a falta de pais "capazes de narrar sonhos não permite que as gerações mais jovens "tenham visões".** E elas permanecem paradas. Não lhes permite fazer planos, pois o futuro gera insegurança, desconfiança, medo".

O que os ajuda a olhar para cima? Somente o testemunho dos pais, "para ver que era possível lutar por algo que valesse a pena"...

Essa dinâmica evita estruturar a vida como uma **"oficina de restauração"**, como gostariam os tradicionalistas, ou como a **"laboratório da utopia"**, como gostariam aqueles que procuram estar sempre na crista da onda...

O nosso é um compromisso com a história... Um povo é uma realidade histórica, é constituído ao longo de muitas gerações...

É disso que precisamos hoje: recuperar a posse da "paz da inquietude", aquela que não nos afunda no vórtice dos medos, mas nos faz respirar a estatura de nossa humanidade.

5. Construção de uma sociedade integradora

A última peça que gostaria de incluir no pequeno mosaico que lhes proponho diz respeito ao homem como um ser radicalmente social e relacional. O então Dom Bergoglio sempre enquadra a educação em uma visão ampla da sociedade, como um contexto vital de encontro e de assunção de compromissos comuns para a construção da comunidade civil. Educar, portanto, significa construir uma nação. "Nossa tarefa educacional", escreveu Bergoglio, "deve despertar o sentimento do mundo e da sociedade como um lar. Educação 'para habitar'" (Mensagem às comunidades educacionais, Buenos Aires, 21 de abril de 2004).

Lembremos o que o Papa disse ao Congresso dos EUA durante sua viagem apostólica em 2015: "Nos últimos séculos, milhões de pessoas vieram para esta terra para perseguir seu sonho de construir um futuro em liberdade". Ele continuou:

"Construir uma nação nos pede que reconheçamos que devemos nos relacionar constantemente com os outros, rejeitando uma mentalidade de hostilidade para adotar uma de subsidiariedade mútua, em um esforço constante para fazer o melhor possível. Estou confiante de que podemos fazer isso". Esse é o contexto vital da educação: construir um futuro, construir uma nação. Entendemos bem que sua antropologia é, portanto, radicalmente relacional. O homem nunca é uma ilha, isolado, mas sempre deve ser considerado em um contexto de relações às quais ele "pertence".

Acima de tudo, Bergoglio sempre considerou as escolas como "um importante meio de integração social e nacional, um dos principais pilares para a construção de um senso de comunidade". Encontramos prova disso em uma de suas reflexões sobre os migrantes internos, datada de 2002: "o migrante do interior que chegou à cidade e também o estrangeiro que desembarcou nesta terra encontraram na educação básica os elementos necessários para transcender a particularidade de sua origem a fim de buscar um lugar na construção comum de um projeto. Ainda hoje, na enriquecedora pluralidade de propostas educacionais, devemos voltar a apostar tudo na educação" (Mensagem às comunidades educacionais, Buenos Aires, 31 de março de 2002).

Educa-se para ajudar as pessoas a construir, a se tornarem "construtoras". "Educar é apostar no futuro. A tarefa da educação não é apenas capacitar a si mesmo, mas ajudar as pessoas a construir um **futuro juntas, uma história compartilhada**.

Um elemento central dessa construção social é, portanto, a integração. "O Estado deve assumir a tarefa da integração", escreveu ele em 2001 (Jornadas Arquidiocesanas de Pastoral Social, Buenos Aires, 13 de dezembro de 2001) e repetiu isso muitas vezes. "Integrar", afinal, é uma das palavras-chave do pontificado de Francisco. Ele a usa com frequência e em muitos contextos.

Quero citar, por exemplo, o que ele disse em sua mensagem de vídeo para o Centro de Estudantes Universitários da Prisão de Ezeiza, Argentina (24 de agosto

de 2017): "Estou ciente de todas as suas atividades e sinto muita alegria pela existência deste espaço, um espaço de trabalho, de cultura, de progresso, é um sinal de humanidade". Isso soa como uma definição de "escola", de contexto educacional: "um espaço de trabalho, de cultura, de progresso". Essas são palavras ditas aos prisioneiros que o papa empurra para a integração.

Outro elemento central do valor antropológico para a construção social é a aceitação da **diversidade**.

Dirigindo-se aos professores católicos em 2012, Bergoglio disse: "como professores cristãos, proponho que abram suas mentes e corações para a diversidade que é uma característica cada vez mais recorrente das sociedades deste novo século". O que isso significa exatamente? Bergoglio explica para as comunidades educacionais da diocese: "Um verdadeiro crescimento da humanidade em consciência só pode ser fundamentado na prática do diálogo e do amor. O diálogo e o amor implicam que, no reconhecimento do outro como outro, há a aceitação da diversidade. Somente assim o valor da comunidade pode ser fundamentado: não exigindo que o outro se submeta aos meus critérios e prioridades, **não "absorvendo" o outro, mas reconhecendo o que o outro é como válido e celebrando a diversidade que enriquece a todos nós**. Caso contrário, é apenas narcisismo, mero imperialismo, tolice" (Mensagem às comunidades educacionais, Buenos Aires, 31 de março de 2002).

A diversidade pode ser um desafio: ele falou sobre isso, por exemplo, aos bispos americanos em 23 de setembro de 2015. Mas, disse Bergoglio, a integração de fato não deve ser entendida "como imitação e subordinação cultural, intelectual e espiritual" (Mensagem às comunidades educacionais, Buenos Aires, 31 de março de 2002). As diferenças devem ser vistas como "desafios", mas desafios positivos, recursos.

E isso tem como consequência imediata a luta contra todas as formas de discriminação: "Lutemos, desde nossas escolas, contra todas as formas de

discriminação e preconceito. Aprendemos e ensinamos a dar, mesmo com os escassos recursos de nossas instituições e famílias. E isso deve se manifestar em cada decisão, em cada palavra, em cada projeto. Dessa forma, começaremos a dar um sinal muito claro - mesmo polêmico e conflituoso, se necessário - da sociedade diferente que queremos criar" (Mensagem às comunidades educacionais, Buenos Aires, 9 de abril de 2003).

Portanto: a tarefa educacional está vinculada à construção de uma sociedade e de um futuro juntos como povo. E isso implica trabalhar na integração e no reconhecimento da diversidade como uma riqueza que não deve ser padronizada ou achatada, mas sim valorizada,

Até agora, compartilhei com vocês pelo menos algumas faces desse poliedro que é a educação para Francisco. Na marca d'água, vislumbramos o olhar antropológico de Francisco. Delineei cinco aspectos desse olhar: a abertura pastoral à mudança, a inquietude como figura antropológica, o questionamento audaz como expressão da pesquisa humana, a fecundidade geradora, a dimensão relacional fundamental do homem.